

Simec cobra apoio contra atitude de empresas que recebem incentivos fiscais



FIEC ONLINE (ANO 9 – edição 395) - O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Ceará (Simec), Ricard Pereira (foto), está cobrando, por meio de manifesto assinado pela entidade, uma ação por parte das autoridades cearenses sobre o que considera um abuso das empresas que estão se instalando no estado, que, mesmo incentivadas pelo governo estadual, preferem importar construtoras do Sul e do Sudeste para implantar suas fábricas no Ceará.

De acordo com Ricard, "temos levantado a bandeira de defesa das nossas empresas no que se diz respeito a esse problema, mas nos falta apoio.

O governo do estado deveria, sem nenhuma cerimônia, atrelar incentivos a condições de garantia por meio das quais nossos técnicos e operários possam ser utilizados nessas obras". Ele acrescenta: "Não podemos continuar admitindo que isso ocorra. O Simec e outros sindicatos patronais precisam de apoio político para mudar de vez essa situação. Não pretendemos uma reserva de mercado, mas uma preferência, tendo em vista a alta qualidade das empresas cearenses. O que reivindicamos não é diferente do que já reivindicaram e obtiveram empresas de outros estados

nordestinos".

O presidente do Simec cita o caso da multinacional francesa Danone, que moderniza sua antiga fábrica no Distrito Industrial de Maracanaú, na região metropolitana de Fortaleza, que contratou duas empresas de São Paulo: uma construtora para as obras civis e outra para a instalação de um galpão metálico. Mais um exemplo é a Zanotti Elásticos, empresa industrial de Santa Catarina que será implantada em Pacatuba. Após consultar várias construtoras do estado, optou por uma catarinense, que, por sua vez, subcontratou uma metalúrgica daqui para construir seu galpão, devendo chamar outra para fazer as instalações hidráulicas e elétricas.

Já a Cotece Têxtil, relata Ricard, diante de uma diferença de apenas 1% entre o orçamento de uma metalúrgica cearense e o de uma gaúcha, optou pela segunda, "sem se dar ao trabalho natural – e próprio da atividade empresarial – de negociar uma redução de preço com o fornecedor local". O líder sindical ressalta que em Pernambuco a prioridade é das empresas locais. "Metalúrgicas de São Paulo se queixam de que só ganham obras em Pernambuco quando oferecem pelo menos 30% a menos do que o preço oferecido pelos concorrentes pernambucanos. Está na hora de o Ceará reagir", destaca.

Nesse sentido, o dirigente do Simec afirma que o sindicato tem levantado a bandeira de defesa das nossas empresas no que diz respeito a esse problema, mas não tem recebido apoio. "Defendemos que o governo do estado deve, sem nenhuma cerimônia, atrelar a concessão de incentivos a condições que permitam ao nosso povo ser beneficiário desde a construção dessas obras, não só com mão de obra operária, até a contratação como executores, pois o Ceará tem empresas com grande capacidade técnica para montagens e produção de dessas infraestruturas. Não podemos continuar admitindo que isso continue a ocorrer em nosso meio", frisa Ricard.

Ele diz que o Simec e outros sindicatos patronais precisam do apoio das autoridades para mudar de vez essa situação. "Não se trata de reivindicar reserva de mercado, mas tão-somente a preferência, pois temos plenas condições para isso. É o que pleiteamos de forma justa, condição que não é diferente daquilo que temos assistido em outros estados do país", reitera Ricard Pereira.

Livre Mercado

DIÁRIO DO NORDESTE (Coluna "Negócios" – Egídio Serpa) - Ivan Bezerra, presidente da Agência de Desenvolvimento Econômico do Ceará, esclarece: a Zanotti Elásticos, que se implanta em Pacatuba, escolheu uma empresa gaúcha para construir a fábrica porque sua proposta financeira foi muito inferior à da concorrente cearense. Esta cobrou, inicialmente, R\$ 13,5 milhões, reduzidos

em seguida para R\$ 12,5 milhões, mas insuficientes para cobrir a proposta da construtora do Rio Grande do Sul, que fará o serviço por R\$ 10,8 milhões.

Minério de ferro: Líder siderúrgica quer triplicar sua produção da matéria-prima no Brasil

ArcelorMittal reassume ativo em MG e vai investir US\$ 130 milhões

VALOR ECONÔMICO - Com a retomada da mina de Andrade, localizada em Minas Gerais, no fim do ano passado, que estava arrendada à Vale desde 2004, a ArcelorMittal planeja triplicar sua capacidade de produção de minério de ferro no país. "Vamos elevar a capacidade desta mina e da de Serra Azul para 15 milhões de toneladas anuais até 2014, sobre as atuais 5 milhões de toneladas", informou ao **Valor** José Francisco Viveiros, presidente da ArcelorMittal Serra Azul. O executivo responde pelas operações de mineração do grupo no Brasil.

Apesar da crise que reduziu a 50% a capacidade de produção da maior siderúrgica do mundo, Lakshmi Mittal, controlador do grupo, não abriu mão da estratégia de verticalização, implantada logo após a fusão da indiana Mittal com a europeia Arcelor. A meta do grupo é ter assegurado no médio e longo prazo 75% do suprimento da matéria-prima. No cenário pós-crise, a ArcelorMittal está se recuperando lentamente e operando seu braço siderúrgico com 70% da capacidade de produção.

Segundo Viveiros, atualmente a companhia dispõe de 50 milhões de toneladas de minério de ferro de produção própria extraídas em oito minas no mundo. Estão espalhadas por Canadá, EUA, México, Brasil, Argélia, Bósnia Herzegovina, Ucrânia e Cazaquistão.

No Brasil, a mina de Andrade, um dos mais antigos ativos de mineração do país, mantém desde 2005 uma produção anual de 1,5 milhão de toneladas, o suficiente para suprir a usina João Monlevade, que faz aços longos. Esse minério era fornecido pela Vale durante a vigência do contrato de arrendamento, agora desfeito.

Viveiros informou que a mina terá de ter sua capacidade de produção ampliada para 5 milhões de toneladas até 2013, com aporte estimado de US\$ 130 milhões. Este investimento vai garantir fornecimento de matéria-prima à usina de Monlevade, que no futuro poderá chegar até 3,5 milhões de toneladas. No momento, o grupo está dobrando a produção de aço para 2,4 milhões de toneladas.

A mina de Serra Azul, adquirida pela ArcelorMittal da London Mining por US\$ 810 milhões, em julho de 2008, tem planos de expansão mais ambiciosos. No ano passado, produziu 2,5 milhões de toneladas de minério. Neste ano, deverá crescer para 3,5 milhões de toneladas. "A nossa meta é chegar a uma capacidade anual de 10 milhões de toneladas de minério de ferro, em 2014", informou Viveiros, que está empenhado em resolver questões de logística para embarcar todo esse minério.

Os recursos minerais de Serra Azul foram avaliados em 1,2 bilhão de toneladas. Uma parte deste minério é de "itabirito duro", explica o executivo da ArcelorMittal, o que vai exigir a construção de

uma planta de moagem na boca da mina. Já a mina de Andrade tem recursos estimados em 430 milhões de toneladas de minério de 65% de teor, o que dispensa a unidade de concentração.

A devolução da mina de Andrade pela Vale, para a qual foi arrendada ainda pela Arcelor, antes da fusão com a Mittal, por 20 anos - prorrogáveis por mais 20 anos - foi feita "amigavelmente", conforme comunicado emitido ontem pela ArcelorMittal. Em novembro, as operações da mina foram retomadas gradualmente pelo grupo siderúrgico. Viveiros disse que houve um acerto de contas entre as partes que dispensou valores na transação.

Novatas ganham peso na exportação

VALOR ECONÔMICO - Novos produtores de minério de ferro começam a ganhar espaço nas exportações brasileiras do produto, que, no ano passado, superaram US\$ 13 bilhões, segundo relatório de 2009 divulgado ontem pelo Sinferbase, entidade das empresas de extração de ferro e metais básicos. Mas a Vale ainda permanece como líder absoluta, com 83,5% do volume total embarcado - 266 milhões de toneladas.

Entre as novatas, quem tem se destacado é a Cia. Siderúrgica Nacional (CSN), dona da mina Casa de Pedra. O relatório não informa o montante embarcado pela siderúrgica, que tem plano ousado nesse segmento de um dia vir a produzir e vender próximo de 100 milhões de toneladas por ano e ficar entre as cinco maiores desse negócio no mundo.

No balanço financeiro do ano passado divulgado pela CSN na semana passada, a empresa informou que exportou, junto com sua controlada Namisa, 21,8 milhões de toneladas, volume que já corresponderia a 8% do total do país.

Além da Vale e sua controlada Samarco (6,3%), da qual é dona de 50% do capital, o Sinferbase informou apenas os dados da Anglo American. A mineradora sul-africana estreou no país nessa área com a aquisição do projeto MMX Amapá. Embarcou 2,46 milhões de toneladas - 0,9% do total.

Os dados de CSN e MMX, que não são empresas associadas do Sinferbase, são mencionados no quesito "outros", respondendo por 24,9 milhões de toneladas. Em nota separada, é informado que "inclui a MMX, com exportações acima de 2 milhões de toneladas".

O relatório mostra que as novatas tiveram fatia de 10,2% nos embarques do ano passado, ante 7,2% em 2008. Essa participação tende a subir nos próximos anos com crescimento desse produtores e com novos projetos no país.

Crescem 374% pedidos para pesquisa de minério ferro no CE

Quando se acreditou no potencial de explorar as riquezas minerais cearenses, os pedidos de concessão de pesquisa cresceram



O POVO (Andreh Jonathas)-O número de pedidos para pesquisa de minério de ferro no Ceará cresceu 374% em pouco mais de dois anos. Havia 150 áreas solicitadas em 2008, frente aos 711 terrenos requeridos até fevereiro deste ano, informou o chefe do distrito do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) no Ceará, Fernando Roberto.

As solicitações para pesquisa de minério de ferro no Ceará tornaram-se intensas em 2004, quando áreas ficaram visadas nos municípios de Sobral, Coreaú e Frecheirinha - norte do Estado. Foram quatro pedidos naquele ano. Até então, não se compreendia ser viável economicamente investir nesse produto cearense.

Os jazimentos são muitos, mas de pequeno porte. ``Tanto os depósitos de minério de ferro como de manganês são de pequenos volumes. Não temos ainda nenhum depósito com tonelagem superior a 10 milhões de toneladas``, afirmou Fernando Roberto.

O maior número de áreas está com requerimento ou autorização de pesquisa para as empresas mineiras Vtech Empreendimentos Minerais e Terrativa Minerais, além da Vale e duas pessoas físicas de São Paulo: Ingo Gustav Wender e Angelito Ancelmo Santana. A Terrativa Minerais aguarda autorização para começar as pesquisas. Conforme Júlio Neves, geólogo da empresa, uma equipe de especialistas foi formada para trabalhar de acordo com os dados do DNPM. ``A gente fez um estudo e requereu a área. A gente visa principalmente minério de ferro, mas também queremos manganês, cobre, chumbo e zinco``, informou. Alguns estudos devem ter início ainda este semestre, garantiu.

Conforme Neves, o procedimento está em etapa inicial, mas os trabalhos de escritório já foram iniciados e uma equipe está pronta para vir ao Estado. ``São muitas áreas para pesquisa``, disse, sem dar exatidão de quantidade.

BENEFICIAMENTO

Antes do entendimento atual do Governo do Estado de que o solo cearense tinha uma riqueza mineral economicamente viável, só uma empresa tinha concessão de lavra para explorar o minério de ferro no Ceará. A Libra Ligas do Brasil & do Grupo Carbomil -, atua em Quiterianópolis e Novo Oriente desde 1990, conforme o diretor da empresa, Cândido Quinderé.

No entanto, não interessa à empresa exportar o produto bruto. Uma unidade de beneficiamento em Banabuiú transforma o minério em ferroliga, que é vendido para Europa e outros estados no País.

``Nunca tivemos interesse em desenvolver para exportações. Primeiro, por causa das quebras no mercado. Depois, a venda de minério lá fora é em grandes quantidades``, explicou Quinderé.

Para ele, a quantidade que se explora é insuficiente para ter um bom lucro. ``Não há interesse. Prefiro dar valor agregado ao produto``, disse. A mina que a Libras extrai tem reservas estimadas em 4 milhões de toneladas de minério de ferro.

NO CEARÁ

SOLICITAÇÕES. Atualmente, existem no Ceará: 370 requerimentos de pesquisa nos municípios de Viçosa do Ceará, Camocim, Morada Nova, Russas, Quixadá, Ibaretama, Ibicuitinga, Quixeramobim, Banabuiú, Boa Viagem, Santa Quitéria, Catunda; 245 autorizações de pesquisa & alvarás de pesquisa - em Granja, Uruoca, Senador Sá, Quixeramobim, Quixadá, Crateús, Catunda, Santa Quitéria, Novo Oriente, Independência, Sobral, Quiterianópolis, Lavras da Mangabeira e Aurora, além de 93 áreas em disponibilidade para pesquisa.

TRAMITAÇÃO. A tramitação do processo de concessão segue os seguintes passos: Requerimento de pesquisa, com áreas máxima de 2 mil hectares por processo, que, após estudo, outorga o Alvará de Autorização de Pesquisa no prazo de três anos prorrogáveis por mais três anos. A finalização se dá com a apresentação de um relatório de pesquisa (positivo ou negativo). Se positivo, os trabalhos de pesquisa são vistoriados por técnicos do DNPM, que concluem por sua aprovação ou não. Caso aprovado, é dado o prazo de um ano para requerer a lavra, com apresentação do Plano de Aproveitamento Econômico (PAE), que termina com a Concessão de Lavra.

MANGANÊS. Existem 104 processos com áreas de minério de manganês no Ceará, sendo 59 requerimentos de pesquisa, 44 autorizações de pesquisa e 1 requerimento de lavra, no município de Ocara. Os requerimentos e as autorizações estão concentradas nos municípios de Aracoiaba, Chorozinho, Ocara, Itapiúna, Morada Nova, Paramoti, Ibaretama, Quixadá, Piquet Carneiro, Canindé, Tejuçuoca, General Sampaio, Palmácia e Redenção. As empresas com maior número de processos são: Carbopar, do Grupo Carbomil e Ferroatlântica Mineração, de Minas Gerais.

MINAS PEQUENAS. Tanto os depósitos de minério de ferro como de manganês são de pequenos volumes. Até agora, não há depósito com tonelagem superior a 10 milhões.

Fonte: Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)

NÚMEROS :

711 SOLICITAÇÕES DE PESQUISA DE MINÉRIO DE FERRO EM TERRAS CEARENSES OCORRERAM DESDE 2004

300 MIL TONELADAS DE MINÉRIO DE FERRO DO CEARÁ É A INTENÇÃO DE EXPORTAÇÃO DA GLOBEST EM 2010

2,5 MILHÕES DE TONELADAS DE MINÉRIO DE FERRO É QUANTO O DNPM ESTIMA QUE TEM A MINA EXPLORADA PELA GLOBEST